

SEQUÊNCIAS 19-20 / 2019-2021

Realização: Sérgio Taborda / Edição e pós-produção: Marta Leite / Cópia: Vídeo – miniDV, cor, som /
Duração: 60 minutos (30 minutos cada **Sequência**) / Ante-Estreaia.

Com a presença de Sérgio Taborda

Câmara à mão.

Sequência 19.

A partir do que escrevi em cadernos onde anotei alguns acontecimentos enquanto os fui filmando e inserindo na Sequência 19 que terminei de montar com a Marta no BBK (estúdio audiovisual) em Berlim a 7 de Fevereiro de 2020.

Remonto-os nesta folha de sala colhendo à passagem o que retive ao sabor da leitura compenetrada pela chuva miúda que envolve o que olho daqui da mesa do alpendre de onde escrevo, recapitulando uma primeira geografia dos lugares onde foram capturados:

Visionei agora a cassette com o que filmei em Veneza na casa em que ficamos enquanto a Leonor monta a sua exposição no palácio Giustiniani Lolin, intitulada, 'Uma costura, uma superfície, uma dobradiça e um nó' (*a seam, a surface, a hinge, or a knot*) inserida na participação Portuguesa na 58ª Bienal de Veneza em 2019.

Veneza, 21 Abril de 2019.

movimentos de câmara feitos no terraço, de fora para dentro, percorrendo zonas reflectidas no vidro da porta - 'interiores venezianos' - passo a chamá-los, pelas exuberantes texturas e luz do que reflectido entra em campo.

No dia 25 de Abril passado aqui em Veneza estava com a Olga a desenhar na sala com a janela da varanda aberta e ouvimos um som contínuo, insistente, de uma gaivota lá fora.

Fomos à varanda, olhámos para o céu e seguimos a chegada de várias gaivotas a vir ter com a que emitia o som. Uma e outra gaivota surgiu vinda de zonas diferentes do céu.

Com a câmara à mão segui o que se passava entre elas com voos picados e bruscas mudanças de direcção num céu coberto de nuvens, olhando para cima e rodando o corpo para seguir a trajectória dos voos picados das gaivotas que entravam em campo ao seguir o som que desencadeou toda esta súbita agitação no céu aqui em volta.

25 de Abril sempre! escreveu-me a Maria Lino por email como sempre o faz neste dia.

Um muito curto plano da cónica chaminé em tijolo vista através do seu reflexo no vidro da janela que fecha a varanda. Entrada em campo do cone com o seu fantasma-duplo reflectido contra o céu azul limpo.

Há uma temperatura de céu limpo azul que associo à do céu do Mucifal em Julho-Agosto.

Com a câmara apontada à janela de vidro do tecto da casa de banho, filmo em contra picado o tubo que se avista dali em dia de forte chuva.

Quer a chuva a salpicar, aguar o tubo, quer as aberturas das nuvens no céu, conferem a este plano um ponto de vista de baixo para cima que têm algo a ver com a experiência de olhar os céus das cenas pintadas nas cúpulas dos tectos por Tintoretto que vimos por estes dias ora na Scuola di San Rocco ora no Palazzo Ducale ou na Basílica de Santa Maria della Salute.

Também assim o foi a experiência de olhar para cima, para o que se passa num céu coberto de nuvens, atravessado por gaivotas vindas de inesperados ângulos em voos picados que interceptam o terraço de onde as olho em ângulos e bruscas mudanças de trajectória.

Berlim, 13 de Junho de 2019.

A Olga chegou à pouco da escola e foi tocar piano. Como olhei para os pés dela descalços tocando ao de leve no chão - enquanto sentada no banco a via de costas - aponte a câmara assente no chão aos dois pés, mantendo-a assim em plano rasante, enquanto ouvia o seu ensaio diário ao piano focado nos musicais contactos das pontas dos pés no soalho de madeira, seguindo os ritmos das músicas que vai ensaiando pelo fim da tarde.

Olho os seus pés protagonizar ali diante de mim uma tão única situação de contacto com o chão. É isto o que chamo de acontecimento e ou se está ou não à altura do que nele ocorre enquanto dura. Todas as *Sequências* feitas até agora são sobre estes instantes quaisquer onde irrompem acontecimentos em que estive à altura deles enquanto duraram e a minha atenção os reteve intactos. Assim saiba permanecer à altura dos que virão.

Berlim, 14 de Junho, Sexta-feira, sala já com sol até aqui onde escrevo.

Resgatei as fotografias que fiz com a Olga a 21 de Março de 2017 em nossa casa na Rosa Luxemburg Strasse que encontrei no iPad.

A partir de um trabalho que a Olga tinha de fazer para a escola - spelling words - decidimos escrever algumas delas a caneta de feltro sobre partes de cada um dos nossos braços e mãos. Registei com a câmara do iPad várias das que fizemos e importei para o meu computador uma selecção que inclui escrito no braço da Olga - *LOOK, down, They, was*, na sua mão - *he*, e no meu braço - *we, you*.

LOOK - down - he - we

a encadear na sequência 19 por esta ordem na próxima sessão no BBK que será só em Agosto depois de virmos do Mucifal.

A natureza do material que captei no Mucifal é mais diversa do que aquele que corre antes até aqui na sequência 19: quer o plano-sequência em que sigo com a câmara à mão os sucessivos lances com os tacos, ora da Olga ora do Carlos, enfiando ou alinhando as bolas de snooker nos buracos da mesa mais próximos a elas apontados, quer as trajectórias imprevisíveis das bolas de sabão sopradas pela Olga cá fora no jardim e por mim seguidas com câmara à mão.

É a natureza diversa deste material capturado no Mucifal - bolas de sabão filmadas com a câmara à mão e desenrolar do jogo de snooker em plano-sequência - que torna desafiante o confronto com cada um deles na montagem e decisões a assumir quanto ao modo de prosseguir na cadeia do que deixámos montado antes na sequência 19.

Pegando nas captações das bolas de sabão sopradas pela Olga e por mim seguidas com câmara à mão conseguimos isolar as mais fulgurantes e montá-las sem intervalos a negro entre elas, o que devolve o modo como as fui captando à medida que as soprava para de imediato as largar ao vento.

Olga a boiar na piscina sendo o seu corpo à medida que relaxa de braços abertos arrastado pela pressão do jacto de água que vêm do fundo, fazendo-o rodar, estendido em suspensão, levado pela corrente para fora de campo, saindo dele pelo canto direito.

No fim deste material que trouxe do Mucifal inserimos e montámos alguns dos sons escritos ou indiciados por onomatopaicas desenhados a partir de recolhas em livros de banda desenhada do Calvin e Peanuts (Charlie Brown) que tinha feito com a Olga:

WAP! - Rustle Rustle - Kablooshh

Estava ainda uma réstia de sol a incidir em partes do chão de madeira do quarto junto à janela e foi onde algures aí vinha parar, que dispus as folhas com estes desenhos de sons escritos, apontando-lhes a câmara, isolando cada um deles em curtos grandes planos.

Sendo a sequência 19 até aqui muda, silenciosa, estes desenhos poderão à sua maneira activar 'escutas momentâneas' de sons ou gestos sonoros por via da palavra - recorrendo a uma estratégia visual vinda da banda desenhada - para a lançar no interior da cadeia de acontecimentos que nela correm por esta altura.

A sequência 19 é, entre todas as que fiz até agora, aquela em que mais se sente a exploração dos movimentos da câmara à mão desencadeados com a nova câmara que tenho agora, igual ao modelo da anterior, e com a qual deixei de ter a limitação de estar ligado a uma ficha com extensão por a bateria não funcionar.

Veneza-Mucifal-Berlim é a trajectória do que seguimos desde o início da sequência até esta altura com o que já montámos.

18 de Outubro de 2019 em Berlim.

Fui buscar um anterior acontecimento captado na Cidade do México, esse preciso momento em que o candeeiro de rua em frente à casa do Danh e Heinz na Calle Flora se apaga pela manhã cedo. Fizemos coincidir na montagem, o corte na duração do que acontece com o momento em que a luz do candeeiro se apaga.

Nesta primeira semana de Novembro que passou a Olga ensaia em casa à noite uns exercícios de terapia da fala, concentrada ao espelho nos movimentos dos músculos da língua e boca.

Selecciono os que faz com a boca fechada enquanto move a língua massajando as bochechas por dentro, captando-a em grande plano (nariz-boca-queixo) com a câmara apontada ao espelho do corredor onde os costuma fazer com tempos marcados entre cinco segundos os primeiros, e um minuto os segundos.

Aponto a câmara ao pátio das traseiras da nossa casa a partir da janela da cozinha às 7h43. Entra em campo em plano picado o reflexo do círculo branco do tampo da nossa mesa da cozinha sobreposto à quente coloratura outonal dos arbustos lá em baixo, incluindo aqueles outros canteiros podados do pátio vizinho no lado superior esquerdo ao que a vista alcança daqui.

Com a temperatura de luz dos arbustos plantados mais presente por debaixo do tampo reflectido da mesa este plano precisa de tempo. Qual a duração que retém nele esta temperatura de cor outonal que olho agora lá em baixo?

9 de Dezembro de 2019 na Rosa Luxemburg strasse, 15.

João César Monteiro pegou na banda sonora de 'Johnny Guitar' de Nicholas Ray - um dos filmes que mais me emocionou ver e emociona rever - e inseriu-a num momento em que num quarto em Alfama, lá fora, surge por entre a janela aberta a aurora e Lisboa acorda.

O momento da banda sonora de que se apropria é o diálogo entre Viena (Joan Crawford) e Jonhny (Guitar) no bar quando se reencontram ao fim de 5 anos e rememoram o que sentem um pelo outro. Este preciso momento do diálogo em que se reencontram no bar de Viena é deslocado para o nascer do dia em Alfama e fundido com os sons da aurora que ouvimos da janela aberta lá para fora nesta zona da cidade. Um gesto fulgurante fazer isto com este poderoso diálogo assim extraído e relançado em subtil movimento de câmara e som;

João César Monteiro - 'Passeio com Johnny Guitar' (1996):

'João de Deus volta para casa sabe Deus de onde. Ele tem uma ferida na cabeça e um pedaço da trilha de Johnny Guitar na memória. Diz que o Senhor Monteiro, alter ego de João de Deus, passeia de tempo em tempos com Nicholas Ray.'

'lua e fumo', captado a partir da cama em noite de lua cheia com fumo da chaminé do prédio das traseiras a sair àquela hora da noite, cobrindo por instantes a lua à sua passagem.

Descobri hoje à tarde, 26 de Dezembro de 2019, na gaveta das cassetes miniDV da minha secretária na Travessa do Almada em Lisboa, a cassette que diz 'take nuvem e pano 1 Maio 2007' que decido visionar na câmara video.

Forte concentração que se sente na captura deste acontecimento que esteve na origem de um trabalho em video que montei em 2007 com o Pedro Tropa a que chamei 'Pano e Nuvem' com o vento a certa altura a tornar-se mais actuante, mas talvez sejam os primeiros minutos que me atraem ao voltar a vê-la depois de tantos anos; 2007 - 2019!

Nessa mesma cassette encontrei mais adiante um outro registo captado no mesmo ano onde se segue a Leonor a modelar com um fio contínuo um novelo-bola que segura na mão em grande plano e que vai aumentando de volume à medida que o fio o vai enchendo.

Aproxima-se do candeeiro da mesa com este devir-bola ficando iluminada pelo foco de luz concentrando-nos nos seus gestos rápidos, decididos e com uma certa cadência ao modelar o que segura numa mão enquanto com a outra vai enrolando o fio em volta dela.

Berlim, 7 de Janeiro de 2020.

De novo em Berlim, depois de termos passado o natal e fim de ano em Lisboa, retomo pela manhã cedo o visionamento das cassetes com o que filmei e aquilo que seleccionei das mais antigas que tinha guardado na gaveta:

Da nova cassette - Lisboa 3-4 Jan. 2020 - interessa-me o movimento de câmara à mão que fiz na noite de 3 de Janeiro, apontando-a à janela que dá para a Travessa das Pedras Negras; travelling recuando a pé na sala com câmara à mão para de seguida refazer o mesmo trajecto para diante até ao sitio da sala onde o comecei enquanto enquadro a Travessa das Pedras Negras com a Rua da Madalena ao fundo onde passam carros.

Revi uma cassette onde tinha filmado alguns excertos de 'India Song', esse filme de Marguerite Duras a que volto ciclicamente.

Decido voltar a fazer uma nova captação de 'India Song' a partir do ecrã do iPad, hoje, 7 de Janeiro, começando nesse exacto momento em que o vice-cônsul de França em Lahore surge em campo reflectido no grande espelho da sala e se aproxima dele, vista detrás, a mulher de ombros e costas descobertas vestida de vermelho, Anne-Marie Stretter, com quem irá dançar em frente ao espelho.

É a voz do vice-cônsul que conduz esta cena e são mais uma vez as temperaturas de voz que fazem avançar a câmara e que criam a imagem.

É através do que dizem que os seguimos constantemente reflectidos no espelho da sala entrando e saindo de campo.

Ninguém está aonde o esperamos ver a não ser em voz.

Efeito de dissociação entre corpos e vozes - os diálogos pronunciados pelos actores que vemos surgir em campo, não se articulam nas suas caras.

Sexta-feira, 17 de Janeiro de 2020.

Tenho olhado pelas manhãs a grua instalada por detrás da rua Rosa Luxemburg que avisto da janela do quarto.

Começa cedo a sua actividade e nela estão poisados ao longo do seu braço metálico bandos de gralhas. É no intervalo entre a aurora e a chegada da luz da manhã com que o dia acorda que a grua começa a mexer e com ela o bando de gralhas que poisam no seu braço mecânico.

Retenho os três minutos iniciais da captação que fiz pela aurora até ao nascer do dia (têm 8 minutos no total) em que sigo o movimento do braço da grua - e com ele as gralhas que ora levantam voo, ora poisam - que agora revejo na câmara já nascido o dia e iniciada a manhã de trabalho em casa.

Berlim, 29 de Janeiro de 2020

Sérgio Taborda

Sequência 20

Fazer um trabalho que têm um fundamento em si mesmo, cujo eco é uma nova sequência onde encadeio os diferentes acontecimentos que nela vão sendo inseridos e montados não sabendo antecipadamente o que irá conter na sua duração final.

Relanço daqui em diante pela escrita a cadeia de acontecimentos que se foram seguindo pela ordem em que os captei e fui anotando, quer nos cadernos quer nas próprias cassetes miniDV onde ficaram registados:

Milão, 20 de Fevereiro de 2020.

Ontem à noite da janela do nosso quarto captei com câmara à mão as cintilações luminosas de duas televisões ligadas em interiores domésticos que a minha vista alcançava do quarto virado para a rua.

À tarde voamos de volta a Berlim.

Berlim, Segunda-feira, 9 de Março de 2020.

Sessão de montagem com a Marta no estúdio BBK.

Importámos os acontecimentos captados em Milão, montámo-los, e com eles demos início à sequência 20 que assim começa, seguindo a ordem pelos quais os captei entre os dias 20 e 23 de Fevereiro de 2020.

Berlim, 25 de Março de 2020.

Uma semana e meia fechados em casa confrontados que estamos todos com a pandemia de Covid-19. Uma gralha apanha com o bico pequenos ramos para fazer o ninho na árvore do pátio vizinho nas traseiras.

Berlim, 19 de Abril de 2020.

Voltamos de bicicleta vindos do atelier atravessando de novo a Karl-Marx-Allee, olhando pelo meio o *Kino International*.

À tarde em casa fiz com a Olga um novo 'desenho transferido', o *transfer drawing #10*.

Montámos a folha de desenho na parede do quarto, preparei o plano com a câmara assente no tripé e captei em tempo real a feitura deste novo *transfer drawing* desenhando eu nas costas da Olga que por sua vez o transfere para a folha de papel diante de si fixada na parede.

Completam-se assim quatro novos *transfer drawings #7-#8-#9-#10*, realizados aos Domingos no período de confinamento a que obriga a pandemia de Covid-19 que dura à mais de um mês.

O *transfer drawing #10* têm 4'35''.

fulgurante cena dançante junto ao mar inserida em 'Adieu Philippine' (1962) de Jacques Rozier.

Berlim, última Segunda-feira de Abril.

Dias exuberantes de primavera com o sol a inundar de manhã o quarto.

Uns cristais com espelhos orientados para a luz do sol nascente refractam a luz nas paredes fazendo aparecer aqui e ali pequenas secções de arco-íris.

Instalei num canto onde um deles irrompe com subtil presença e vibração de cor, uma folha de papel de aguarela, filmando o que nela fica retido desta ténue manifestação do espectro de cor do arco-íris. Como se de uma aparição se tratasse. É o que chamo de 'acontecimento' e espero ter estado à altura dele nas captações com que o retive.

É nesta capacidade de orientar o desenho das janelas e quartos para a luz nascente, deixando-a inundar assim o espaço, que se frui a qualidade única da arquitectura de Hanz Poelzig, o arquitecto que desenhou esta casa e todo o bloco habitacional em torno do cinema Babylon na Rosa Luxemburg Platz em Mitte.

Mucifal, 15 de Agosto de 2020.

Atraíu-me o desenho dos faróis do Mercedes do Carlos que estaciona por estes dias de Agosto debaixo da copa da nespereira junto à porta da cozinha nas traseiras da casa do Mucifal.

Ontem à noite ligou os faróis e piscas que ficaram por instantes a emitir um feixe de luz contra o muro branco em frente, onde está a mangueira enrolada junto à torneira, deslocando para aí a atenção e o foco do que passei a filmar entre os dias 13 e 15 Agosto de 2020.

Plano do carro visto de costas com faróis acesos e temperatura de cor vermelha a tomar conta da imagem; 'Christine' de John Carpenter, veio-me à memória ao vê-lo assim por detrás como 'mutante vermelho'.

Copa da nespereira, entrando nela a andar com câmara à mão, saindo lá de dentro no fim, a olhá-la por fora e para cima, andando em torno dela, ensolarada, nas traseiras do jardim da casa do Mucifal.

bóia-cabeça de gato flutuando sobre a água da piscina impelida pelo vento que nesse dia fustigou o pinhal e a sacudia, ora para um lado ora para o outro.

Forte vento agita as copas dos pinheiros lá fora que surgem agora projectadas em sombra cá dentro, na parede branca da escada que sobe para os quartos.

Quinta-feira, 19 de Novembro, 11:05.

Reparei à pouco num feixe de luz rasante que entra pela janela-porta que dá para o terraço-jardim desta casa aonde estamos a viver em Lisboa.

Fui buscar a câmara e liguei-me e ele entrando pela sombra da planta projectada no chão.

A partir dessa sombra segui os indícios de luz-sombra por dentro das folhas da planta e desenrolou-se assim um longo plano-sequência entrando nela pela sua massa de sombra.

Sábado, 21 de Novembro de 2020.

Acordei cedo e vim para a janela da cozinha seguir com a câmara a transição da noite para o dia apontando-a em contra-picado ao candeeiro de rua desta parte da Calçada Engenheiro Miguel Pais onde vivemos.

Este azul limpo com que nasce o dia no céu de Lisboa por estes dias de Novembro, irrompe a partir das 7h da manhã e vai abrindo.

Ao sair da aurora a luz dos candeeiros de rua ainda acesos depois do raiar do dia são apagados em unísono por uma entidade que regula o seu funcionamento eléctrico.

Este acontecimento matinal tornou-se o foco dos meus dias ao acordar.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 2021.

Seguir com a câmara o modo como no ecrã do ParkPilot instalado no carro se assinalam as zonas de potencial toque, embate e distâncias limite, a ter em conta para não bater no desenrolar da manobra ao estacionar de marcha atrás o carro na garagem conduzido pela Leonor entre colunas e paredes com exíguo espaço entre elas.

Lisboa, 24 de Março de 2021.

As laranjeiras estão em flor neste começo de primavera, vejo-as da janela-porta da varanda em frente de mim enquanto leio e anoto no meu caderno alguns dos Haiku de Masaoka Shiki (1867-1902) de Issa (1763-1827) aproveitando o sol que chega à mesa aonde escrevo e a manhã se abeira do meio-dia.

Encontrei estes dois livros de Haikus numa livraria da Rua do Século ao vir para casa depois de ter ido cortar o cabelo ao barbeiro do Chiado logo que o primeiro desconfinamento o permitiu.

4 de Abril, frase filmada em Domingo de Páscoa.

Escrevi, com módulos de letras de um jogo de palavras da Olga, sobre o tampo circular da mesa de madeira que está na varanda, a frase com que termina 'escrita-escuta', um desenho feito na encosta do Casal, Feital em 2001, grafite sobre papel: 'Do you mind if i swim?'

Filmei-a de seguida em lentos travellings quer com a câmara video quer com a do iPhone.

Domingo, 11 de Abril na Travessa do Almada.

Caminhada a pé com o Nuno pela doca de Alcantara na sexta-feira passada e a certa altura quando estávamos em frente ao cais da Rocha Conde de Óbidos a nova ponte móvel rotativa começou a girar para deixar sair um veleiro que se aproximava.

Como estávamos próximos seguimos de perto o movimento desta ponte móvel apontando-lhe a câmara do iPhone andando no sentido em que gira para acompanhar o ponto de vista de alguém que se encontra na boca de entrada da ponte.

É essa captação que agora revejo apontando a câmara video ao iPhone sobre a mesa da sala na Travessa do Almada.

São Bartolomeu, Castro Marim, Sexta-feira, 4 de Junho de 2021.

Acordei pela aurora e perante a força de aparição da primeira luz do raiar do dia peguei na câmara vídeo e trouxe-a para a cama. Fui filmando intermitentemente entre as 6 e as 7 da manhã instantes quaisquer do que ia mudando lá fora no campo neste intervalo de tempo, peneirado pela cortina da janela diante da cama que desce até ao plano da rua, por onde volta e meia, irrompem na estrada os primeiros carros e motas.

Serra d' Ossa, 7 de Junho de 2021.

Vimos ontem à tarde de Castro Marim para a Serra d' Ossa no Alentejo para ficar uma noite no convento de São Paulo.

Acordei de madrugada, levantei-me e captei da janela com conversadeira virada para o topo da Serra d' Ossa a copa de uma palmeira contra o céu, um pássaro em queda, filtrados por uma fina rede-grelha quadrangular que cobre os vidros da janela de onde a olho.

25 de Junho de 2021 à tarde na Calçada Engenheiro Miguel Pais, Lisboa.

Fico por casa e aproveito para, impelido por desejo inadiável, registar nesta cassette a musicacoreografia de Nancy Sinatra - 'These boots are made for walking' (1966) - colhida no youtube.

29 de Julho no alpendre da casa no Mucifal.

tarde de nortada vinda do mar ouvida e sentida no pinhal aqui em volta do alpendre onde escrevo. Nuvens e sombras movem-se na encosta da serra de Sintra.

barco nuvens rio:

Leonor e Olga de costas, sentadas à varanda do ferry enquanto se dirige à margem de Tróia.

Sigo (olho) o movimento das águas do rio a partir da varanda do ferry entrando em campo um barco de contentores ancorado algures no meio da travessia entre Setúbal e Tróia saindo de campo à medida que o ferry o contorna.

Berlim, 2 de Outubro de 2021.

Sérgio Taborda